



CANTO GENETHLIACO

AO FAUSTISSIMO DIA 23 DE FEVEREIRO DE 1845.

DEDICADO

A SUA Magestade Imperial

O SENHOR

D. PEDRO SEGUNDO,

POR

Manoel de Araujo Porto-alegre,

PINTOR DA IMPERIAL CAMARA.



Rio de Janeiro.

TYPOGRAPHIA AUSTRAL, BECO DE BRAGANÇA, 15.

1845.

CANTO GENETLIACO

AO FAUSTISSIMO DIA 23 DE FEVEREIRO DE 1845.

Cara patria, sem susto
Tua fronte levanta magestosa,
Como tuas montanhas e teus bosques.

MAGALHÃES.

Vimos todos brilhar no céo brasilio
Esse nuncio sidereo em fôrma de astro ; (*)
Era o anjo da paz, e da concordia !
Cerrado havia a mole quadrifronte
Desse templo de Jano, em que a Discordia
Ha muito escancarára as bronzeas portas.
Era o anjo da paz, e da concordia !
Os batentes havia sigillado
Do tetrico artefacto, onde o delirio
C'hum punhal burilou scenas de trevas ;
Onde o dedo infernal com artimanha
Seu zimbório traçou, dando-lhe a fôrma
Do pïleo magestoso da matrona
Que regèra de Roma os aureos dias,
E inventára na Gallia esse instrumento
Que a fronte decepou de hum lyrio augusto !
De mui feios senões se eiva a belleza ;
E o sol, o claro sol, tambem tem manchas !...

Ai, dura experiencia, os vencedores
C'os vencidos as lagrimas confundem :
Ali da pugna a gloria se atavia
Do sudario da morte, e orna à fronte
D'atro dó, de cypreste, engrinaldados.
Hoje, oh dia de gloria ! triumphante
Acoberta esses muros de esqueletos,
Sem a facha de sangue que o manchára,
O nobre pavilhão que Pedro Augusto
Brandira no Ypiranga ao mundo inteiro.

Do throno do equador o rei dos rios
Ingentes braços ao Guayba estende ;
Amplexo fraternal une o imperio,
E assoma no horizonte a luz propicia
Que á meta das grandezas guia os povos.

Oh ! que delirio sacrosanto provo,
Quando subo ao teu throno ó natureza,
Co'a paz no coração, riso na face ;
Dos astros cuido o solio, em sonho elysio,
Altivo penetrar, ornada a fronte
De hum cocar luminoso, cujas pennas,
Lambendo o pando disco dos planetas,
O brilho reverdecem, dão renovo
A' celeste harmonia do seu gyro
Nos do infinito páramos ethereos.
Nas fibras de minha alma, harpa celeste,
Magica ondulação vibrando solta
Da mente as azas igneas ; de meus labios,
Extatico, voando hum som harmonico

Aos accents se mescla do almo orgão
Que tange no universo a mão divina.

D'onde vem esta voz tão poderosa
Que abafa o rouco ruir das tempestades,
Os gemidos dos bosques seculares,
O ronco dos volcões e das cascatas,
O ribombo do céu quando iracundo
As montanhas estala e desmorona?
Donde surge esta voz que inspira n'alma
Gigantesca emoção, ardor celeste,
Que no peito fervendo sobe aos labios,
E o halito converte em patrios hymnos?!
Oh! que prodigio! Nesta plaga amena
Aonde a Deos se eleva o homem grato
Com o aspecto do céu, tão puro e bello,
E o donaire da terra, fertil, pródiga! —
Minha mente transpõe-se além da raia,
Que ao misero mortal coube em partilha.

O Nume tutelar das estações,
O monarcha do espaço, em cuja fronte
O cirio do universo resplandece,
Nova gemma engastou na etherea cupola,
Como hum padrão de gloria, igual sómente
Ao que outr'ora marcára, ha lustros quatro,
No heroico sagitario, quando á terra
Baixou de Pedro o Filho que ora impera
Com benefica luz, amor, e gloria.
Hoje de novo na siderea facha
Que cinge o firmamento, alegres raiam

Os delphins novo lume que derrama
No solo brasileiro alma esperança,
E os festivos triumphos abrilhanta.

Mas que meteoro he este que nos ares
Em turbilhões de luz alaga o polo,
E derrama do Prata ao Amazonas
Hum rutilante novo cataclysm?!
Nos seus eixos eternos, invisiveis,
O globo mais se firma; almo favonio,
De odorosa baunilha perfumado,
De celeste fragrancia inunda a terra,
E verte ao coração placido alento!
Soam nos ares os clarins do empyreo,
E hum globo de saphira lento desce,
Librando-se supino ao Pão de Assucar!
Rebentam da montanha effluvios d'ouro:
E a mole primitiva, que emblemava
Hum Canopo envolvido em terreo manto,
A granitica toga sacudindo
Em andrajos nas ondas precipita!
E as ondas rebramando aos ceos levantam
Gigantéas columnas que rematam
Soberbo pantheon na azul esphera!
C'roa-lhe o cimo luminoso, intenso,
Em guisa de acroterio, o Capricornio.
Do arrogante monolitho a structura
Se converte n'hum Anjo gigantesco.
Na dextra empunha o brasileiro sceptro,
Onde se firma o bragantino grypho;
Na sinistra o papyro onde exarára
Sacros dictames o Heroe brasilio.

- » Brasil, Brasil, Brasil, alça-te, impera :
- » Não mais denso bulcão te obumbra a vista.
Fados brilhantes de hum porvir propicio
- » Teu immenso horizonte ora circumam.
- » Feixei as bronzeas portas do atro templo
Da bifronte discordia ; com meu halito
- » Sequei lagos de sangue, onde hoje brotam
- » Matizados de flores verdes campos.
- » Entulhei o abysmo da discordia
- » C'o gladio fraticida, e do seu punho
- » Fiz surgir huma palma d'oliveira.
- » Por mando do Senhor, oh que bondade !
- » No regaço da paz e da alegria,
- » Em meus braços te trouxe carinhosos
- » Hum anjo d'innocencia, sob a fôrma
- » De humana creatura. Eis o teu Principe ;
- » Tão puro como aquelle rei da terra
- » Que do mundo assistio á prima aurora,
- » Que do sol o primeiro occaso vio,
- » Que do globo fruio a virgindade ;
- » Primitivo conviva do banquete,
- » Que a natura offertou, quando inda tinta
- » Do perfume e da essencia que lhe dera
- » O dedo creador deste universo,
- » Retratava do ceo a diva imagem.
- » Elo sagrado, que se prende ovante
- » Na césarea cadeia, que as idades
- » De corôas, de sceptros entrelação ;
- » E nos louros de Ourique acobertados
- » Pelo celeste labaro de Affonso,
- » Cujos brilho de gloria reflectindo
- » Os filhos de Almanzor aniquilava.
- » Brasil, Brasil, Brasil, eis o teu Principe,

- » Ungido da pureza e das virtudes
- » Do thalamo mais puro que ha na terra.
- » De caricias lhe adorna o berço augusto.
- » Tece das artes primoroso encanto ;
- » Dedalico mosaico tens nos bosques,
Que na côr, na fragrancia são assombros ;
- » He teu solo de gemmas preciosas,
- » E mimosos teus dedos no artificio.
- » Do mais candido arminho e mais suave
- » O seu berço acolchoa ; em torno reinem
- » Dulias perennes, que a seu lado sempre,
- » Batendo mansamente as minhas azas,
- » Embalarei c'hum zephyro fagueiro
- » O seu berço e seus dias venturosos.
- » Meu bafo mesclarei aos ternos beijos
- » Do augusto genitor, da madre excelsa ;
- » E hirei na harpa celeste modulando
- » Dos avitos heroes a gloria e fama. »

Dest'arte o Anjo Custodio ao Brasil falla :
E ao som de sua voz canora e grande
O mar, a terra, o ar, estremeceram !
No seu leito eviterno, onde dormia
Desde o dia em que a luz na prisca idade
Ferio d'Eva formosa os castos olhos,
O gigante desperta, e se espreguiça
Com medonho fragor no valle e montes.
Ali invulneravel, resupino,
Desde o berço do sol vio a torrente
Dos seculos passar, immovel, quedo ;
Estalarem os diques do diluvio,
Que oceanos em jorros despejando

Dos primevos mortaes fundira os templos,
E os ossos converteo em saxeos fosseis.

No cabeça alcantil onde exarára
Com o escopro dos raios, das tormentas,
Sibyllina inscripção a mão do tempo,
E que ora Monte Gavia o nauta alcunha,
Huma luz volteou. As saxecas fórmas,
Como fundidas, se amaciam, perdem
O aspecto escabroso, a côr terrena,
E de rosas brilhantes se coloram,
Em carnes convertendo-se; as florestas
Que occultavam profundas, átras grotas,
Transmudam-se em madeixas luzidias;
E os rios, que em bolhões serpenteavam,
Como veias nos membros se esgalharam:
O epiderme levantam, cujos vellos
Nos tubos capillares fórma a relva!
Abrem-se os olhos, se arredonda a fronte,
Curvam-se as faces, o nariz resalta,
Rasga-se a boca, os labios se modelam,
Alça-se o mento, o collo se torneia,
Alargam-se as espadoás, desce o peito
Ondeadó, vellosó, e palpitante;
Oscillando ao respiro o ventre empola,
E os musculos em montes se descrevem!
Como feixes de troncos seculares,
Alongam-se os titaneos grossos braços;
As mãos s'espalmão, tendem-se as phalañges,
Descem as coxas, qual balceia enorme,
E se ligam ás pernas onde avultam
Os dous enormes pés, em cujo extremo

Com picos de serra os dedos brotam !
Como cyclopeo malho sobre a incude
Bate dentro, do peito a vital pendula !
E nos arboreos vasos borbulhando
Ronca o sangue em medonhas catadupas.
O baso que se agita á flor dos labios,
Qual favonio galerno, o mar encrespa ,
Despe o polen das flores , e a natura
Embalsama de eterna primavera.

Levanta-se o gigante ; e no seu leito
O mar encapellando em rolo as ondas
O invade , formando ameno lago,
Onde elle o vulto augusto contemplando
Tres vezes se mirou risonho e lédo.
A fronte magestosa aos céos eleva ,
E garboso saúda o sol da patria ,
Que a balisa central vingado havia,
E ao rubido occidente caminhava.
Nastro armillar na graciosa coma
Com fimbrias diamantinas o corôa ;
Pende-lhe aos hombros , florecando ao vento
De peito de colibrios marchetada
Chlamyde roçagante, que lampeja
Do poente e da aurora as igneas cores.
Ornam-lhe os braços scintillantes joias ,
E lhe polvilha os pés o ouro mais puro.
C'os olhos de condor traça dos Andes
Pelo rio Amazonio , o mar e o Prata,
De seu dominio ingente a linha...., e pára
Arroubado d'encanto co'a belleza
De seu immenso imperio ; e assim exclar :

« Eis-me em fim acordado ; salve, ó dia,
« Que aureas paginas me abre , e nova aurora
« Sobre a fronte me raia , pura e bella.
« Dos evos o silencio † a treva espessa ,
« Dissipou Jehovah , que em minhas palpebras
« Tantas eras pesára em longo somno.
« Na sublime atalaia que orna o portico
« Do meu sem par, emporio , hoje incessante
« O meu Anjo da Guarda véla , ampara ,
« Esse filho que o céo donoso outorga
« A mim , aos filhos meus , e que prolonga,
« No futuro o palladio sacrosanto
« Que mais de vez a mão do inferno adusto
« Intentou derruir . marchando insana
« Sobre montes de craneos brasileiros.
« Sepultados nos proprios alicerces
« S'esb'roam os tropheos que a mão sacrilega
« Transplantar intentou do monstro impio
« Que a campa dos Toltecas ora habita.
« Jaz mirrado esse braço delirante
« Que sonhou derribar da minha esphera
« O diadema armillar, quebar-lhe as gemmas,
« Esquartejar-me o corpo, e dal-o em brodio
« A' hydra de mil frontes , que se afoga
« Em orgias de sangue ao som das armas.
« Dissipou-se o bulcão brumoso e lugubre
« De lagrimas formado e de gemidos.
« Dos céos rompêdo o limbo magestoso
« Em meu gremio se alberga a paz ditosa.
« A mão sagrada e virgem do meu Tito
« Benefica estendêo donoso olvido ,
« E os odios sepultou n'hum sumidouro ,
« Cujas fauces cobrio de amenas flores !

« Em vão erre o espectro da vingança ,
« Em vão co' a planta ardente o chão conculque ,
« Vestigios mais não acha do passado !
« A gleba , o monte , o plaino aos céos enviam
« Nos odoros effluvios hymnos gratos.
 Ao som da ferrea enchada , que abre a terra ,
 1 As searas se pautão , reverdecem ,
« Pullulam pomos de ouro ; e nos povoados
 1 Rompe a orquestra diurna do instrumento
« Que agita em ledó affan a mão da industria.
« Vem do empyreo sentar-se em meus lyceos
 1 As ideias que a espada afugentára.
« Sorriso bondadoso a face alisa
« Da velhice , e nos olhos de seus filhos
« Brilha o fulgor de hum sacro enthusiasmo.

« De volcanico amor abrazeado
« No plaustro do equador sentado aguardo
« Espontaneas offrendas. Quero o berço
« Mais pomposo do mundo ; entretecido
« Dos thesouros que a pródiga *natura
« Em meu solo esparzio, fecunda e bella.
« Musa de Phidias que subiste aos astros ,
« E em novas harmonias te embebeste ,
« Desce do empyreo , paira-me na frente ,
« E guia no lavor meus dextros dedos.
« Aureas volutas , diamantino acantho
« Entrelacem da paz o symb'lo augusto.
« De Marco Aurelio as maximas s'insculpam
« Em alvos de rubins que o sol emulem ;
« Em brilhantes opalas quero a imagem
« Do segundo João , do quarto Henrique ,

« Que serviram de norma aos reis do mundo ,
« E cujo heroico sangue as veias gira
« Do meu filho dilecto , e meu orgulho.

« Rompa o triumpho em prestito magnifico :
« A' voz da natureza a voz brasilica
« Nesta scena não vista os hymnos mescle.
« Offusque-se o esplendor de Paulo Emilio ,
« Desse , que em Baias , filho de Tiberio .
« Sobre as ondas tyrrhenas com assombro
« A noite converteo n'hum claro dia!
« Pomposo se desdobre , assaz terreno
 Me deo a natureza ; e cause inveja
« A' basta , altiva Europa , cujo corpo
« A sombra do meu vulto envolve em trevas.

Descem dos rios graciosas , bellas ,
Surgem do mar em fustas inteiriças
Gigantescas matronas , cujos braços
Os limites abarcam d'esses reinos
Que orgulhosos se assentam entre as neves
Onde se espelha a ursa frigidissima,
E as herculeas columnas que plantára
Sobre a penha alcantil o heroico braço,
Quando o mar separou d'afros desertos.
Trazem no peito maternal, pujante,
Em ceruleo listão nobre venera,
Que a cruz do Salvador com astros fórma.
Amplas tunicas trajam roçagantes
De nitido algodão, em cujo limbo
Com talhadas facetas pendem gemmas.

Orna-lhe a fronte scintillante estrella,
Que ao balanço do corpo a luz aviva,
Quando em circulo os membros crystallinos
Brilhantes laçarias cadenceiam
Em grupos que invejára a graça hellenea.
O mimoso colibrio que volteia
Em torno á meiga flor que cede languida,
E lhe filtra no rosto enamorado
Envolvido c'o nectar beijo odoro ;
A varia e mosqueada borboleta
Que nas margens do rio ao sol reflecte
Nas antennas, nas azas transparentes,
Da palheta do iris a riqueza:
Não excedem a graça das choreas
Que ante o patrio Brasil no seu triumpho
As desoito matronas desenleam.
E aos ares desprendendo a voz melodica
Dest'arte ao regio infante se dirigem.

— — — — —
CORO DAS PROVINCIAS.

Vem, sacrario d'innocencia;
Vem, ó Anjo Bragantino :
Vem a nós, divo menino,
Para o teu berço embalar.

Vem perfumar a existencia,
Bafejar teus dons do céu ;
Vem rasgar o denso véo,
Que ao Brasil quer obumbrar.

Vaso de amor e esperança!
Rosa celeste e donosa,
Vem, ó flor mysteriosa,
O futuro embalsamar.

Estrella d'alva, formosa,
Puro cirio de candura,
Pharol de nossa ventura,
Que o céo manda a illuminar.

Effludio da luz divina,
Que se alonga no futuro,
Que rechaça o reino escuro
Que nos queria cegar.

Columna de luz que guia
Hum povo inteiro á victoria,
Que fará no alvo da historia
Brilhante fado exarar.

Do Génitor e da Madre
As virtudes cantaremos;
O teu berço adornaremos
Do que ostenta a terra e mar.

Vem, sacrario d'innocencia,
Vem, ó Anjo Bragantino,
Vem a nós, divo menino,
Para o teu berço embalar.

Fronteiras ao Gigante, em renque as filhas
Se curvão ante o throno, onde sentado
Ufano tece o berço co' as offrendas
Que por turno apresentam : copia ingente
De quantas producçoes mais preza o orbe.

O Pará colossal e portentoso
Exquisitos perfumes deposita
Encerrados n' um vaso, onde pintára
De Orellana os combates, e o El-Dorado :
Ali dos Hespanhóes, das Amazonas
A peleja se via em quadro iconico,
E o brasilio pincel, sem arte e norma,
Exprimindo o valor aborigéno,
Qual, no Acropolis, Phidias esculpira
N' esse do Parthenão friso divino ;
De Gonsalo Pizarro o desengano,
Perdido entre as devezas, morto á fome,
A Quito regressando entre desgraças.
Abre um cofre de lenhos multicores,
Que amostras são dos troncos que guarnecem
Do Tapajoz monstruoso e do Madeira
As margens gigantescas, fertilissimas.
Mostra de Macapá a gomma elastica,
Cujo tronco estremece a pororoça,
Aborto do furor dos dous oceanos !
E que em leve bosquejo no Garuna
Se repete tambem ! Ouro, esmeraldas,
De aves mil peregrinas a plumagem,
A baunillia, o cacáo, o arroz, o cravo,
Que o sachó da natura ali cultiva ;
E ostentando os seus lagos oceanicos
Rola nas ondas monstruosos peixes.

Lá segue o Maranhão, cujas bombardas
Na Gallia e na Batavia inda rebombam.
De alvíssimo algodão desdobra um veô ;
Tomba a seus pés o araribá purpurco,
Transparente copal, pharmaceas drogas,
E os trophecos que deixou Rivardiere,
E os filhos de Nassau, bravos, heroicos,
Que no fundo do mar, na equorea Hollanda,
Mil cidades plantaram, cujos muros
Com as ondas nivelam as ameias.

Como um grupo de graças se avizinham
Do Parnahyba a esposa graciosa,
Que em Oeiras seu thalamo engrinalda ;
Ceará, cujos tumulos de schisto
Petrificadas mumias encerrando
Do globo as convulsoens ao sabio marcam ;
Rio Grande, que o forte dos Reis Magos
Como um padrão de gloria ao mundo mostra:
Bordam-lhe o cinto, fluctuando ao vento,
Da emba que estampára em seu escudo
Os brilhantes penachos, sempre inteiros ;
A verde Parahyba, em cujos plainos
Anda o ouro em armentos disfarçado.
As gramineas cestinhas entornando
Juncam de nivecos flocos o terreno.
Em cylindros luzentes offerecem
A vital carnaúba, cujo tronco,
Estendendo as aláras de esmeraldas,
Se reveste de um polme, que alvos cirios
Ministra ao parco incola, e rechaçam
Com perfumada luz a escura noite.

Garbosa, marcial, Olinda bella,
Senhora da Veneza brasileira,
Ao throno se aproxima, e desenrola
Os batavos tropheos que conquistára
Nos montes Guararapes com denodo !
Pende-lhe ao seio de Vieira a imagem;
Do adasto Camarão a invicta aljava
Sobre a espadao retine ainda gloria;
E hasteando na lança do atro Dias
Essa branca oriflamma, que em Recife
As náos de Sigismundo convertera,
Grave encara o cadaver miserando
Da augusta independencia ao sol mirrado
Do intenso equador; baldado esforço
De um brado intempestivo, que mais tarde
Nas margens do Ypiranga echoa eterno.
Do carmineo brasil toros em montes
Deposita; e abrindo as puras balas
Do nitido algodão as maçãas voam;
Mais puro que o de Paros niveo marmore
Seu assucar resplende; mostra ufana
Os prodigios das artes no seu gremio;
E d'aurea cornucopia vasa em montes
Melifluos pomos, varios, rescendentes.
Em crystallinos vasos apresenta
De nectario fabrico varios postres,
Acipipes, que em Roma nos triclinios
Do difficil Vitellio e de Lucullo,
Gloria fariam dos festivos brodios.

Como seus lagos transparentes, placidos,
A Naiade que rege o São Francisco,

Que nas ondas reflecte o céo, o inferno,
Mostra seu solo, que ao poente esbarra
N'esses desertos de Goyaz inculto.
Mostra de Calabar no patrio berço
Sobre hum poste a cabeça ardente, intrepida,
Que o valor converteo em odio eterno.
N'esses muros, a Henrique d'afro sangue
Hum pelouro amputando o braço heroico,
Sua espada no chão plantou c'o braço,
E tomando-a outra vez c'o que restava
A Nassau decepou d'hum golpe a vida :
Facto digno de Homero e de Virgilio !
Mistura nos tropheos que aos pés do throno
Gloriosa apresenta, a c'roa sáfara
De Zumbi, que trocára nos Palmares
Pelos ferros d'escravo o suicidio.
De purpureas granadas coalha o solo,
Que offuscam no fulgor as da Bohemia.

A modesta Sergype aproximando-se,
Baixa os olhos, e off'rece graciosa
N'hum vaso colossal altivo cedro ;
Balança a coma escura pelas nuvens
Onde nas folhas murmurando o zephyro
Simula da procella a voz fremente ;
Pelo tronco que abarca vinte braços
Sobe alada baunilha, descrevendo
Cochleado padrão onde gravára
Sobre a crosta a natura escuros fastos :
Dirias de Trajano , ou Marco Aurelio
Os monumentos Dacios, Marcomanos ,
Cujos ferros em marmore esculpica

De Roma triumphante o regio orgulho.
Do monte Itabaiana off'rece gemmas,
E metaes que fundira o fogo eterno;
De roseos colheireiros, alvas garças
D'escarlates guarás copia de pelles;
Mostra seus lagos que acobertam bosques,
Venezas vegetaes, de cujos templos
São columnas seus troncos seculares.

De seu prisco esplendor inda orgulhosa
A pujante Bahia marcha, e pára;
Seu vulto magestoso expande graças,
Adereção-lhe o collo palpitante
De Moema gentil as tristes lagrimas,
Que em gemmas transformára o sol dos ovos.
A plumagem subtil do aerio vate
Em grinaldas de flores convertida,
De sua cornucopia d'ambar puro
Mimosa desprendendo off'rece e mostra
No amago do vaso argenteas veias;
Com etrusco lavor vasos d'argilla,
Estatuas de alabastro, roseo marmore,
De Vellasque a palheta, illustres pennas,
Aurea lyra, das artes mil primores
O seu louro tabaco perfumado,
Que orna do imperio o pavilhão e o timbre;
Mostra hum baculo em gladio transformado,
E os tropheos que saudára a voz prophetica
Do filho de Lóiola o grão Vieira.
Mostra no peito cicatriz recente
Que as aguas de seu golpho ameno e rico
Salpicára de sangue; e pudibunda

Alça os olhos ao céo; sorriso ameno
No semblante lhe coa: leo nos astros
Seu futuro esplendor reconquistado.
A seu flanco materno achega a filha
Que hospedára Cabral nas virgens plagas
Onde a C'roa-Vermelha tantos seculos
Se occultára do mundo, té que o Gama
Devassasse os desertos do oceano,
E o proiz das galés atasse orante
Nos corucheos brahminios, que no Ganges
Guarnecem do Oriente as aureas portas.
O marmoreo padrão mostra da posse
Que o Luso audaz plantára em suas margens;
E n'hum cofre dourado a sabia penna
Desse fido Cairú, honra da patria.
Pairando sobre as azas da esperauça
A Victoria futura estende os braços
De perfumados bosques, derramando
No magnetico solo puro balsamo.
Do odoro sassafrás abre hum escriptorio
Onde lavas de cores, amethistas,
De hum dormente vesuvio arrebatadas,
Em montes collocou; e junta airosa
A seu cravo-sipó, á sua almeccga
Hum tronco perforado, cérea renda
Onde alado jaty com mel bordára
As delicias que encerra Hebe no cyatho.
N'hum sudario sagrado mostra altiva
Do propheta Anchieta argenteo braço
Em cujo punho a cruz conquistadora
Com seus raios reflecte essas victorias
Dos filhos de Jesus por entre as selvas;
Tres gladios que embotaram para sempre

Bravos Tupiniquins e Goytacazes !
Mais bellas que as da India e Polynesia
Esmaltadas conchiuihas onde avulta
O murex purpuriuo que de Tyro
A cor imperial supera em brilho !

Eis se apresenta a colossal Mincira,
Sacudindo das vestes mil riquezas ;
Ata-lhe o palio do Abaeté a gemma
Que hum labio botocudo outr'ora ornava !
Tão rica e poderosa , que em seu seio
Póde do mundo saciar a industria ;
Que ali a Providencia com mão larga
Despejou lenitivo á sede humana.
Para o berço assombroso airosa offerta
Aureos saxos do Gongo e Catas-Altas ,
De titanico, palladio, e de platina
Longas fitas que atavam suas minas.
Do Tijuco alcantil , onde a natura
Com muros diamantinos enclaustrára
Esse puro carbonco , que parece
Particulas de hum astro decahido ,
Alastra o aureo solo, e o converte
N'hum outro firmamento ; e junta ufana
D'esmeraldas , rubins , topasio , euclasia
Montes de prismas deslumbrantes. Pródiga
Tira dos hombros magestosa lyra
Onde em laminas d'ouro outr'ora hum genio
Da regia P'raguaçu em metro homerico
Exarou portentoso os patrios fastos.
Mostra o terno alahude onde Gonzaga
Suspirou seus amores , e do Gama

A pungente Lindoia no Uruguay;
As notas musicaes, que Jeremias
De lagrimas enchera primor d'arte
De hum filho tonsurado de seus bosques.

As filhas da floresta, em gesto sáfaro,
Que nas do Guaporé e do Madeira,
Xingú e Tapajoz, aurcas vertentes,
Bebem a lympha desses mares doces,
Que em leitos diamantinos se deslisam,
De seu thesouro occulto hum toalhete
Do acrio ubassú gratas desdobram,
Onde luz o metal que despertára
Mil argucias ao genio de Anhanguera:
De alabastro labores primorosos
Collidos n'essas grutas onde a noite
Seu eterno aposento tem firmado;
Dedalicos mosaicos multicores,
Que hum dia vencerão em atrios d'ouro
De Tibur, de Pompei, do Palatino,
Esses crivos de gemmas que lavrára
Grego pavimentario . escravo e douto.

Toda cheia de si a nobre filha
Que rege a elysia zona aonde o capro
Pelas fauces já não despeja em pino
Intensos fogareos na verde messe;
Que vê surgir o sol dos salsos andes,
E entranhar-se envolvido d'ouro e purpura
N'essas do Paraná argentecas ondas;
Que vê brilhar a bussola Phenicia

Na crista criminosa , alpestre e létrica
Da horrivel Mantiqueira ; e que distende
Os prelibantes olhos pelos campos
Da heroica Coritiba ; a nobre filha
Ao paterno Brasil se achega, e abre
O gremio venturoso onde afagára
Raças de genios raças denodadas.
Ali gemeos brincaram n'aurea infancia
O que Lysia adornou co'a penna illustre ,
E o siderco Colombo a quem a França
Em vão tenta usurpar do invento a gloria ;
O Bueno fidelissimo os Andradas ,
O erudito Piuhciro ; o nobre engenho
Que das aguas do Itu surgio, e veio
Sua gloria fundar no parlamento ,
Modesto Paula Souza. Gloriosa ,
Abre os roteiros , que parecem sonhos ,
Das marchas triumphantes de seus fillos ,
D'aquelles que os desertos perlustrando
A morte , a fome os p'rigos combateram ,
Mil tribus valerosas , e plantaram
O patrio pavilhão pelas devezas
Onde nunca soára a voz da Europa.
D'escarlates guarás , do Guaratuba
Desdobra huma alcatifa , onde em acervos ,
Não de prata ouro , cobre , joias , marmores
Que o seu solo argamaçam com fartura
Ella off'rece , mas aço , que na tempera
Supera ao de Albion , ao da Suecia !
Esse divo metal que a natureza
No da industria crisol altriz , benefico ,
Refunde , convertendo-o em mil thesouros.

Flores vai semeando equorea e bella
A matrona insular - centro futuro
De marítima glória : e junto ao ferro .
Que a nobre Paulicea em barras dera ,
Mistura atro carvão ; e aponta altiva
Para o mar onde boia e fende as ondas
Hum rodado volcão, cujas entranhas
O braço de Archimedes , entre flammæ
Atravez das borrascas , manda aos cabos
Que illumina Acharnar , Arctos e Sirio.
A escamosa roupagem desses monstros
Que habitam no oceano os vastos templos
Dos primeiros mortaes ora sepultos ,
Em mimosos festões de niveas flores
A nympha converteo ; e graciosa
Para o infante real submissa off'rece :
Com aquelle fervor santo e severo ,
De seu filho Joaquim que em Porto-Alegre ,
Na Bahia, em São Paulo, Angra dos Reis
Na propria patria sempre infatigavel
Aos enfermos e aos orphãos dco asylo ,
Combatendo a ignorancia , o scepticismo ,
Da Laguna a rainha , o throno beija
E os seus filhos off'rece, que nascidos
Entre as ondas , as ondas fortes domam.

Guerreira, a nobre fronte erguendo altiva,
Guarnecida de louros conquistados
Em seus mavorcios campos, chega, e pára
Com aspecto severo, mas formoso .
Essa heroína que ha mostrado ao mundo
Da espada riograndense o poderio !

Mostra o seu lago , maravilha eterna ,
Onde mil rios despejando as ondas
Como hum tronco no Atlantico plantado
Pela terra se esgalha e se emmaranha.
Ali, copia do Eden das ferteis margens
A heroína colheo , e humilde offerta
Das ilhas de Benaco o figo e as rosas
Que ao turco Solimão tanto lembravam ;
A que a fronte de Ceres , loura espiga,
Adorna , fornecendo o vital cibo ;
O aureo pomo , a oliveira atheniense
O que a Persia mandou fructo melifluo,
O nectar purpurino dos banquetes,
A pera da Numidia, alvos morangos,
E esse pomo que Banks, cá da America,
Mandou para extinguir da Europa a fome.
Relinchantes, batendo as ferreas plantas,
Mostra n'um plaustro seus corseis fogosos ;
De armento colossal coalhados campos,
O penthelico marmor, vital mate ;
E tirando de flanco magestoso
A espada valerosa que encobria
Chaga profunda, gotejante, curva-se,
E abraçada c' o labaro de Pedro
Deixa o gladio calir eternamente,
Que um dia de delirio alçou, fazendo
Quasi um passo ao Imperio de recúo,
Se o braço de Caxias não chegasse.

Com attico fulgor garbosa feixa
As aureas oblaçoens a excelsa filha
A quem coube em partilha a guarda e pouso

Dos sceptros e das c'roas brasileiras !
Pujante de riquezas, vê do mundo
Em seus portos as anc'ras repousarem !
Permuta c' o universo os seus thesouros.
Suas filhas gentis, gloria da America,
Os thronos europeos ennobrecendo ;
E as Augustas Donzellas, que esmaltavão
Do Danubio e Sebeto as ledas margens,
Seus palacios trocarem, belvederes,
O seu berço amoroso, demandando,
Sobre o dorso das ondas inconstantes,
As delicias fruir que brota o peito
Do Augusto, Virtuoso, e Nobre Esposo,
Que no centro do mundo rege e manda
O rico e vasto Brasileiro Imperio.
Com venusto sorriso abrindo um'arca,
Mostra de Caldas o divino plectro ;
O plaustro que São-Carlos dera á Virgem ;
A palheta do Pozzo fluminense ;
De Nictheroy a escada grandiosa ;
E os raios d' eloquencia que dos labios
Sampaio e Monte Alverne trevejarão ;
De Magalhaens os mysticos suspiros,
Os seus sophocleos quadros, e os quadros
Do Plauto brasileiro, devorado
No sambenito ardente d' esses monstros
A quem Galileo disse : *E pur si muove.*
Mostra de Januario os monumentos,
Onde a Historia e a Industria adejos soltão,
E incessantes derramão almas luzes ;
Crateras tres de porfido granit o,
Aonde Valentin c' o altriz escopro
Nos frisos esculpira as tres idades

D' esta terra, Colonia, Reino Imperio.
No relevo se viam, d' arte iconica,
Os desastres que houveram hugucnotes,
E de Estacio de Sá a heroica morte
Sobre os muros nascentes d' este emporio!
A pégada real, que foragida
N' este solo s' imprime, e n' elle funda
Mais um reino nos reinos lusitanos ;
E o grito sempiterno do Ypiranga
Que n' um ang' lo escrevendo esta divisa,
—INDEPENDENCIA ou MORTE—faz Imperios!
Das artes, das sciencias vasto campo
Semeado de louros apresenta.
Do adorado café, que cinge as armas
Do escudo brasileiro, um vaso inclina.
Palpita no seu seio justo orgulho,
Mostra risonha as agoas resplendentes
De seu immenso porto, aonde as frotas,
Sobejo asilo enqutrão, do universo ;
E a broca da natura, caprichosa,
Entalhou maravilhas, que ultrapassão
A Bizancio, a Pathenope, e Ullysea.
N' uma nuvem de aromas vem descendo,
A pedido da madre, o grão Garcia!
Solta no orgão sacro as melodias
Que no empyrco fruio co' a unvida musa ;
Ao som do almo instrumento nova dulia
As filhas do Brasil graves entoam.

HYMNO

« Senhor, em cujos labios pousa a vida
« De toda a immensidade, e o'seu nada !
« Que ao Anjo das naçoens marcaes a róta,
« Que de sec'los a sec'los encarnaes
« Hum dos genios que habitam vosso throno,
« Para vir reformar do mundo as scenas ;
ı As idades pasmar, colher laureis ;
ı Do porvir ser um astro salufifero !...
« Fazei que o Filho Augusto que nos destes
« Complete a obra immensa começada ;
« E que o Anjo Custodio, nosso guia,
« De vossa Omnipotente mão receba
« Lustros de paz, e dias de concordia.»

Assim seja : o Brasil responde alçado.
Assim seja : responde alta celeuma,
Como a voz do trovão, da tempestade,
Por toda a parte em echo altisonante !
Ingente multidão grave marchando,
Promiscua, leda vem juntar-se ao prestito:
Raças diffrentes que na cor variam
Nos trages, no viver, mas uniformes
N'esses do peito patrios sentimentos.
Ali da selva o filho inculto e bravo,
De penachos armado, d' arco, e frechas,
Cantando d' anta o hymno, marcha, e pinta

Os combates do tigre e do queixada,
Deslebrado, a travez de tantos seculos,
Do que foi, do que vio, do que fizera,
Antes que Almagro, que Cortez, Pizarro
A voz de Roma ouvissem, confundidos,
Tirar da bruta escala o regio Inca,
O nobre Guaicurú, e o Botocudo.
Segue o audaz sertanejo envolto em pelles,
O soldado mais commodo do mundo ;
Traçando o nobre ponche em garbo antigo,
O Paulista, o Mineiro, o Riograndense:
Respira-lhes no cimbrico semblante
O talento, a coragem do guerreiro.
Seguem affaveis, atticos, bizzaros
Hospitalceiros grupos, modulando
Com estro americano os hymnos patrios
Que as florestas, o mar, montes, respondem.

Levanta-se o Gigante do aureo solio ;
E esse berço, sem par, altivo mostra
Do plaustro do equador ao mundo inteiro.
Parecia suster nas mãos possantes
O crescente da lua ! hum astro novo
Nos ceos embalançar de luz radiante !
Ali do imperio a historia a natureza
Com seus dons escreveo em novas paginas ;
Ali do engenho a musa em arte hellenica
Com apuro esmaltou prodigios raros.
Alta esperanza do sagrado leito
Se derrama n'hum povo delirante
De amor, d'enthusiasmo, e'o seu Principe,
Mimo dos céos, penhor de sua gloria,

Marcha o triumpho pelo vasto imperio :
Juncada a terra estava d'ouro e gemmas,
E a via triumphal, vasta alameda,
N'hum jardim perfumado convertida.
Mil palmeiras que o collo adereçando
D'aureos cachos, que pendem nectar puro,
Ali pautando a estrada aos céos subiam ;
Bacurubûs que vencem na belleza
Aos italos copados verdes pinhos ;
Como longa sarissa, sobranceiro,
O grão jequitibá, cobrindo os bosques
C'os recurvados gigantescos braços
Adornados de rubras parasitas ;
O cedro, o odoro cedro pelas nuvens
A coma florendo em verdes ondas ;
E o titaneo vinhatico que encerra
No bojo desmedido largas naves.
Nas vergontes que filtra o copãhyba
Com o enorme serpente o imbé mosqueado
S'enrosca, desdobrando a prumo em fitas
A bêta indestructivel que ao selvagem
As frechas fortifica, e que nos portos
Ao rosto d'altas náos os ferros prende.
Mimosas trepadeiras, multicores,
De tronco a tronco pendem, s'engrinaldam
Em formosos festões onde entre aromas
Saltita gorgeando em mil requebros
Essa alada familia em cujas pennas
Se reflectem do prisma as divas cores.
Entre rolos de nuvens marchetadas
De vario combiante, aerias scenas
Como em baixos relevos se desdobram,
E o prestito acompanham, que acoberta

Como hum palio celeste o arco iris.
Aclara a pompa insolita, brasilia,
Oscillando nos céos, o facho eterno
Que illumina o principio, o fim dos seculos,
O facho que esparzio, quando brandido
Pelo punho divino, n'hum momento,
Esta immensa belleza americana !
Radiando celeste magestade
No throno rutilante estava o Anjo ;
Inundava-lhe o peito a sacra flama
Que aviventa mil gozos, e acalenta
N'hum vago de delicias a existencia.
Filho do céo, no céo em longos tragos
Arroubo endeosado almo fruira,
Quando feliz surgio entre harmonias,
E hum osculo libou na mão divina,
Que de dar-lhe acabava o toque extremo,
E no vulto estampar-lhe a divindade.
Como huma harpa celeste, melodias
Ressumbradas d'os poros da montanha
Magestade maior á pompa davam,
Que a vaga compassada do oceano
Como hum sistro celeste acompanhava!
Das flores, dos arbusc'los, das florestas
Perfumados effluvios ascendiam,
Que o céo de aroma enchendo á terra baixam
Transformados em hymnos suavissimos,
Novo esmalte orvalhando, novo alento !
As vozes do Atlantico, e do Caucaso,
Quando sorvem nas azas borrascosas
Dos euros procellosos as rajadas ;
O estampido do raio sobre os robres
Que em estilhas no ar se pulverisam ;

Ou da broca inflammada que se afunda
Em redentes, cavando mil abysmos
Nos eternos sobpés d'altivos montes :
Mais sublimes não são, nem magestosas,
A par d'esse concerto, onde a magia
Insolitos mysterios insuflára,
E o amor esparzira taes doçuras
Que a terra em céo mudada parecia.

O Magno Triumphador eis se aproxima,
Do prestito pomposo circumdado,
Que em jubilo sagrado hymnos entoia ;
Alegre como as faces da innocencia,
Risonho como os sonhos da esperanza !
Banhado do esplendor que o berço expande
No brinco emmaranhado dos reflexos
Que as gemmas sobre as gemmas arremeçam !
Tão nobre, tão feliz, qual joven noivo
Que a vida converter deseja eterna
N'hum abysmo de amor, onde deslise
Em vortices continuos a existencia.
Chega-se ao Anjo, o berço lhe apresenta
Pelas filhas queridas adornado.
C'o reflexo do berço coruscante
Das pupillas do Anjo se despedem
Dons raios divinaes, que a fronte c'roam
Do brasilio Gigante : como outr'ora
A Moysés rutilaram sobre a coma.
Orgulhoso da obra, a obra ostenta,
O fulgor, a belleza, o genio d'arte,
E os graves pensamentos que emblemára
O amor, a justiça, o santo, o bello.

Do gremio divinal, onde repousa
O sagrado penhor, o caro infante,
O Anjo suspendendo a tenra fronte,
Carinhoso beijou-lhe a face augusta;
Tres vezes o cingio d'encontro ao peito,
E tres vezes sorriu donoso e meigo.
Sobre o berço brasilio o deposita,
Bafejando-lhe o somno da innocencia;
Tão puro como a luz da divindade,
Tão bello como a rosa rosciada
De bagas diamantinas, e da purpura
Do manto luminoso que desprende
A matutina aurora nos vergeis.
Aquelle que no céo, rasgando as nuvens,
Do sidereo condor roubasse ousado
Huma penna inflammada nas torrentes
D'essas dos Andes súlphuras cisternas;
Mortal que vira, infante, o astro propicio
Radiar em seu berço a luz homérica:
Esse sim pintaria em vivo quadro
A ridente effusão, o enthusiasmo
Que no peito brasilio arde e se eleva
Em jorulhos de amor, celeste adejo,
Que se sente, se goza, e curlo estadio
Tem nos labios, na lyra, sobre a tela,
Por ser do imperio imagem na grandeza.

BRASIL.

- « Reflexo do Senhor, Anjo querido,
- « Meu guarda, protector, minha esperança,
- « Mensageiro feliz, cu te agradeço
- « Com todo o amor da terra, o Mimo Augusto

« Que por ti me outorgou o céo benigno :
« Do futuro meu astro luminoso,
« Columna diamantina que sustenta,
« Consolida, eternisa a monarchia ;
« De meus sonhos anhelado realiado,
« De minha vida mobil perduraval,
« Padrão de minha gloria, em cujo sei o
« Do Augusto Genitor, da Augusta Deosa,
« Paradigma do thalamo sagrado,
« As virtudes palpitam, e me auguram
« A palma luminosa do progresso,
« E os laureis conquistar d'almas grandezas,
« E ser no mundo-Imperio Brasileiro!

O ANJO CUSTODIO.

« Da monarchia a planta sacrosanta
« Aureo pomo brotou ; n'elle incubado
« O futuro desprende aurea esperança.
« Em torno do seu berço, fausto augurio,
« A Guerra emmudeceo, e desdobrando
« A benefica Paz seu manto augusto,
« Os odios transformou em doce amplexo.
« Hum pai, huma familia, o céo brasilio
« N'este dia feliz propicio abriga !
« Sobre as azas do grypho bragantino,
« Que orgulhoso domina o sceptro d'ouro,
« Deposita esse berço precioso,
« O sacrario de tuas esperanças,
« A genuina imagem do teu Cesar,
« Esse Filho da Paz que, em somno angelico
« Da innocencia deslisa os aureos dias.
 Abi cheias de amor augustas sombras,

« Coroadas de louros e de estrellas,
« Virão pousar benignas sobre a cupola
« Que ao berço tecerei com minhas azas,
« Ahi de dia em dia, em divo metro,
« No psalterio celeste irei narrando
« Essa augusta epopeia, onde fulguram
« Os avitos primores, onde Affonso
« De seu throno de luz hum raio envia
« Ao Neto Americano, em cujo berço
« Meigos favonios bafejando encantos
« Largos lustros darão, força, e renome.

(*) O cometa de 1845.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).